



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRO-RETORIA DDE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE PEDAGOGIA

EDIANE DE BRITO GONÇALVES

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA ÀS
MARGENS DO RIO ATUÁ- MUANÁ/PA**

ABAETETUBA/PA

2018

EDIANE DE BRITO GONÇALVES

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA AS
MARGENS DO RIO ATUÁ – MUANÁ/PA**

Memorial apresentado à Faculdade de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Abaetetuba, através do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, como requisito avaliativo para obtenção do diploma de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Professor (a) Orientador (a):

ABAETETUBA/PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G635d Gonçalves, Ediane de Brito.
 Os desafios da educação ribeirinha: : experiência pedagógica às
 margens do rio Atua Muaná/PA / Ediane de Brito Gonçalves. —
 2018.
 41 f. : il.

 Orientador(a): Prof^ª. MSc. Marcilene Calandrine de Avelar
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

 1. Educação ribeirinha . 2. História de vida. 3. Formação
 docente. I. Título.

CDD 370

FICHA DE AVALIAÇÃO

Data de Defesa: ____/____/____

Conceito _____

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Mestranda Marcilene Calandrini de Avelar
Universidade Federal do Pará

Examinador 1: Prof.^o Esp. José Nazareno Figueiredo e Silva
Universidade Federal do Pará

Examinador 2: Prof.^o Doutorando Petrônio Medeiros Lima Filho
Universidade Federal do Pará

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu força e sabedoria para vencer mais uma etapa da minha vida. À minha família pelo apoio e incentivo e a todos aqueles que contribuíram para a conquista deste sonho.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo amor com que me conduziu nos caminhos da verdade, da fé e do amor e pela força divina, concedida a mim nos momentos de angústia.

Aos meus filhos Evelyn Monique Gonçalves Pires e Matheus Gonçalves Barbosa, pela paciência e compreensão que tiveram na minha ausência. Além do apoio, são meu porto seguro.

À minha mãe querida, Iris Teixeira de Brito, que nunca me abandonou nos momentos em que mais precisei.

Ao meu pai Antônio Gonçalves e ao meu irmão Jairo da Costa Barbosa que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos.

Aos meus colegas Francisauro Costa e ao Professor Elson Malato, pelo apoio nos momentos difíceis e pela contribuição inestimável para a concretização deste sonho.

Às minhas queridas colegas Joana de Aquino e Diana Nascimento que comemorávamos juntos todos os objetivos alcançados.

A minha orientadora professora Mestranda Marcilene Calandrini de Avelar, por sua dedicação e paciência, pois sem sua ajuda tudo seria mais complexo.

E a todos que acreditaram e contribuíram para a realização deste sonho.

RESUMO

O presente Memorial intitulado “Os Desafios da Educação Ribeirinha: Experiência Pedagógica às Margens do Rio Atua- Muaná/PA” tem por objetivo fazer uma abordagem sobre o contexto educacional de modo mais amplo, enfatizando os desafios apresentados pela realidade escolar, especificamente, no que se refere á Educação Ribeira pelo fato de fazer parte do meu cotidiano. Em seguida, descrevo a minha história de vida, abordando a trajetória pessoal, educacional e profissional de todo o percurso até a concretização do sonho: o ingresso na universidade. Escrever este memorial do andamento educacional da minha história é um desafio gratificante, pois, caminhei em busca do passado adormecido. Relembrar o passado é trazer à tona as lembranças e os momentos das fases de desenvolvimento da minha vida (infância, adolescência, fase adulta) bem como, a minha inserção no âmbito educacional desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Ao longo deste trajeto, farei essa “reconstituição” de forma sucinta e coerente destes momentos, utilizando referenciais teóricos de acordo com a temática abordada para que haja mais consistência na produção textual.

Palavras- chave: Educação Ribeirinha; História de Vida; Formação Docente.

ABSTRACT

The present Memorial titled "The Challenge so River side Education: Pedagogical Experience on the Banks of the River Atua- Muaná / PA" has aim to approach the educational context more broadly, emphasizing the challenges presented by the school reality, specific, with regard to riverside Education for being part of my daily life. Next, I describe my life story, approaching the personal, educational and professional trajectory of the whole course to achieve the dream: the university entrance. Writing this memorial of the educational progress my story is a gratifying, then, I walked in search of the dormant past. Remembering the past is to bring to the surface the memories and moments of the development phases of my life (childhood, adolescence, adulthood), as well as my insertion in the educational scope from Basic Education to Higher Education. I will make a brief and coherent "reconstitution" of these moments, using the succinct and coherent references according to the theme addressed so that there is more consistency in textual production.

Keywords: Riverside Education; Life'shistory; Teacher Training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	10
1 EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: PRESSUPOSTOS E DESAFIOS.....	10
CAPÍTULO II	15
2 . MINHA HISTÓRIA, MINHA VIDA: TRAJETÓRIA PESSOAL E EDUCACIONAL.....	15
2.1 MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL	15
2.2. Início da Minha Trajetória Educacional.....	17
2.3. Ingresso na Escola Municipal Ângelo Nascimento	25
CAPÍTULO III	30
3-ENSINO MÉDIO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL	30
3.1. Ingresso no Ensino Médio.....	30
3.2. PRIMEIROS PASSOS RUMO A MINHA PROFISSÃO	31
CAPÍTULO IV	32
4-EM BUSCA DE UM SONHO: INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR.....	32
4.1-INGRESSO no Ensino Superior	32
4.2 Novas Vivências, Novos APRENDIZADOS.	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

A busca pela compreensão das fases vivida por qualquer pessoa é fundamental para rememorar sua história, assim como, trazer ao conhecimento público toda uma trajetória que estava guardada no hipocampo. Este memorial irá levar ao conhecimento, de todos, minha trajetória de vida, deste a educação infantil á conclusão do sonhado curso superior, as vivências e os novos aprendizados que o curso trouxe, para que compreendam e aprendam a valorizar a vida, além de servir de estímulos para os que perseguem seus sonhos ou que as vezes ficaram frustrados por terem chegaram ao ápice dos seus anseios.

Ao logo deste trajeto farei essa “reconstituição” de forma sucinta e coerente destes momentos, utilizando referenciais teóricos de acordo com a temática abordada para que haja mais consistência na produção textual. Portanto, o presente Memorial intitulado “Os Desafios da Educação Ribeirinha: Experiência Pedagógica às Margens do Rio Atuaá- Muaná/PA”, tem por objetivo fazer uma abordagem sobre o contexto educacional de modo um pouco mais amplo, enfatizando os desafios apresentados pela realidade escolar, especificamente no que se refere a Educação Ribeirinha, realidade vivenciada no início de minha vida escolar e que vivencio como profissional de educação.

Desse modo, para uma melhor organização deste texto, foi dividido em 4(quatro) capítulos. No primeiro, “Educação Ribeirinha: pressupostos e desafios” faço uma abordagem um pouco mais ampla sobre o contexto social e educacional em que a Educação Ribeirinha está inserida, enfatizando as dificuldades e os desafios que enfrentei no começo de minha vida estudantil.

O Segundo capítulo intitulado de “Minha história, minha vida: trajetória pessoal e educacional” descrevo a minha trajetória de vida relembando fatos e acontecimentos que fizeram parte da minha infância, enquanto uma criança que cresceu na zona rural do município de Muaná, bem como, faço uma abordagem sobre o início da minha trajetória educacional destacando as dificuldades e os desafios que diariamente tinha que enfrentar para poder chegar e frequentar a escola.

No terceiro Capítulo “Ensino Médio e Experiência Profissional” abordo como foi o meu ingresso no Ensino Médio na escola Dr. Sérgio Mota e posteriormente apresento como se delineou os meus primeiros passos rumos a minha profissão docente.

No último capítulo “Em busca de um sonho: ingresso no Ensino Superior” será discutido a minha vivência no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR,

destacando as dificuldades enfrentadas ao longo deste percurso, além, de enfatizar que essa experiência me possibilitará aprender e a construir novos conhecimentos, que contribuíram significativamente para que pudesse transformar, a minha postura como educadora e levasse a desenvolver um bom trabalho, com a finalidade de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos em idade escolar.

Por fim, apresento as considerações finais, falando da importância da minha formação docente, a qual me possibilitou a construção de saberes e reconstrução da minha identidade, pois, a partir das minhas vivências na universidade passei a pensar e refletir minhas práticas educativas em sala de aula, haja vista, que exercia a minha profissão sem a formação obrigatória exigida pela legislação.

CAPÍTULO I

1. EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: PRESSUPOSTOS E DESAFIOS

Esse rio é minha rua, minha e tua mururé, piso
no peito da lua, deito no chão da maré.

Paulo André e Ruy Barata

Trazer uma problematização sobre os desafios da Educação Ribeirinha é de suma importância para se analisar, o contexto social e educacional vivenciados por muitos sujeitos, haja vista que, ela está voltada para um público específico: pessoas que vivem no interior de muitos municípios, onde as dificuldades e os desafios enfrentados por elas, sejam relacionados tanto a questão educacional, quanto a própria condição de vida. Uma vez que, são mais complexos e/ou difíceis se compararmos com outros contextos em que pessoas residem na zona urbana, por exemplo.

Deste modo, problematizar sobre a Educação Ribeirinha torna-se pertinente à medida que estarei analisando o contexto educacional, e conseqüentemente, o social de muitos indivíduos, que conhecem de perto essa realidade.

Como sabemos, a sociedade brasileira apresenta em seu aspecto geográfico, social, econômico, cultural e político, enfim, inúmeras disparidades as quais estão diretamente ligadas ao contexto educacional. Essas disparidades retratam claramente a grande exclusão social que presenciamos no Brasil em pleno século XXI, deixando muitos sujeitos à margem dos avanços da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a ideia de exclusão social é na maioria das vezes usada para designar uma forma específica de desigualdade. Ela de modo geral, diz respeito às formas pelas quais um indivíduo ou um grupo de indivíduos acabam ficando, de certo modo, à margem da sociedade. Isto é, a desigualdade neste contexto, trata-se de um processo pelo qual o sujeito socialmente excluído não possui acesso a determinados direitos que são essenciais para o seu pleno desenvolvimento.

Atualmente, podemos observar em nosso entorno, no lugar onde moramos, mas principalmente, através das mídias sociais, dentre elas o jornal, que as pessoas que moram em bairros periféricos com infraestrutura precária, não possuem boas escolas. Assim, encontram maiores dificuldades para conseguir uma oportunidade de progredir na sua carreira profissional e/ou fazer um curso superior. Sobre essa abordagem, Silva (2000), afirma que:

Exclusão social termo empregado na teoria social recente para se referir ao fenômeno pelo qual certos grupos sociais são privados de benefícios e recursos considerados essenciais nas sociedades contemporâneas. As coisas das quais as pessoas e grupos em questão são excluídos incluem desde esferas concretas e materiais, como o emprego, o trabalho e a renda daí decorrentes, até bens e recursos que podem ser considerados mais simbólicos e afetivos, como vínculos familiares e sociais ou o acesso à educação e à cultura. (p.57).

Partindo de uma compreensão mais ampla, fazendo uma abordagem e considerando o próprio contexto sócio-histórico-cultural em que estamos inseridos, percebe-se que o termo exclusão social está atrelado à forma como a sociedade está estruturada, melhor dizendo, organizada: divisão de classe (a burguesia e proletariado). Isto é, a exclusão social é fruto de uma luta de poder caracterizada pela sociedade capitalista denominada de ‘sociedade de classes’ a qual vivemos, onde os “poderosos”, financeiramente falando, possuem privilégios na esfera social ao compararmos com os oprimidos¹, -sujeitos que não possuem tais recursos.

O processo de discriminação e exclusão social ao qual determinados sujeitos têm sido submetidos é algo que vem acompanhando a evolução da história das relações sociais no Brasil. Trata-se de grupos diferenciados, procedentes das camadas mais empobrecidas, que não conseguem sequer ter acesso ao mínimo necessário para uma sobrevivência digna (SILVEIRA, 2005, p.25).

Ainda de acordo com Silveira (2005), A concentração do poder e da riqueza dos setores sociais dominantes é a determinação estrutural, que produziram impactos gerando uma pobreza generalizada e exclusões diversas, que atingiram grande parte da população.

Desse modo, compreende-se que a pobreza é a mola propulsora da exclusão social, tornando-a um elemento de segregação, onde as pessoas que possuem uma boa condição social tornam-se privilegiadas, enquanto quem não possui tal condição são excluídas socialmente.

Ao trazer essa discussão para o campo da educação percebe-se claramente que a exclusão social, bem como, as desigualdades sociais estão muito presentes nesse contexto, principalmente, quando nos referimos a Educação Ribeirinha, visto que a mesma enfrenta inúmeros desafios, os quais não possibilitam o oferecimento de um ensino de qualidade para a população local que se destina.

Devido os inúmeros desafios encontrados pela população ribeirinha sejam em seus aspectos sociais e/ou econômicos. Enfim, tampouco se vive um grande sonho de ter uma

¹Vale ressaltar que este termo é utilizado pelo educador brasileiro Paulo Freire dentro de uma concepção bem mais ampla. Para uma maior compreensão sobre essa concepção leia Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido (1987).

educação de qualidade, para esses sujeitos que na sua maioria ainda são excluídos socialmente.

O Ministério do Desenvolvimento Social, no Guia de Cadastramento de Populações Tradicionais e Específicos (2012) destaca que:

Ribeirinhos são indivíduos, famílias e comunidades tradicionais agroextrativistas que vivem em regiões de várzea, próximas a rio e que têm modo de organização, reprodução social, cultural e econômica fundamentados na constante interação com o meio onde vivem e determinado pelo ciclo das águas (regime de cheias e vazantes) e pelos recursos que o rio oferece (p.43).

Nesse sentido, percebe-se que os ribeirinhos possuem uma forte relação com o rio. O rio para nós é nosso caminho, é nossa estrada, é nossa referência como meio de transporte. O rio é o local por onde nos deslocamos para outras comunidades, para a escola, para a cidade ou para qualquer outro lugar.

O rio é ainda espaço de diversão, de brincadeiras, de lazer, pois nos banhamos às suas margens e usufruirmos de todas as suas maravilhas. O rio também é referência geográfica, fonte de produção de alimento, de mitos e lendas os quais fazem parte do nosso imaginário popular desde criança.

Segundo Santos (2014), quando o ribeirinho mora em regiões de várzea, especificamente, na beira dos rios, onde sua casa é de frente para ele, este pode ser de fato denominado “a sua rua”, uma vez que o rio está presente em todo o seu cotidiano.

O Ministério do Desenvolvimento Social (2012), afirma que, em sua maioria, as famílias ribeirinhas estão distribuídas por praticamente todo o território nacional. Muitas estão localizadas nas proximidades dos principais rios e seus afluentes. Por isso, muitas vezes para a localização dessas famílias ribeirinhas, faz-se necessário conhecer a hidrografia da região e os nomes dados aos lagos, rios e seus afluentes.

Portanto, observa-se que a população ribeirinha possui uma forte relação com a natureza. Essa relação com a água, com a floresta, bem como, com outros elementos da natureza ajuda a construir a identidade e a subjetividade do povo ribeirinho.

Os ribeirinhos são povos acolhedores que produzem saberes nas suas relações sociais, além de possuírem uma ligação com a natureza de forma construtiva e recíproca, pois é dela que retiram os recursos necessários para a sua sobrevivência, como o açaí e o pescado, por exemplo.

Encontramos nos denominados *ribeirinhos*, na Amazônia, uma referência, na linguagem, a imagens de mata, rios, igarapés e lagos, definindo lugares e tempos de suas vidas na relação com as concepções que construíram sobre a natureza. Destaca-se, como elemento importante no quadro de percepções, sua relação com a água. Os sistemas classificatórios dessas populações fazem prova do patrimônio cultural. O uso dos recursos da floresta e dos cursos d'água estão, portanto, presentes nos seus modos de vida, enquanto dimensões fundamentais que atravessam as gerações e fundam uma noção de território, seja como patrimônio comum, seja como de uso familiar ou individualizado pelo sistema de posse ou pelo estatuto da propriedade privada (CASTRO, 1998, p. 7).

Considerando neste caso, o município em foco. Muaná é um município do arquipélago do Marajó que compreende áreas de terra firme, várzeas e campo. Possui uma vasta extensão territorial e em virtude disso temos realidades educacionais diferentes o que dificulta muitas vezes o acesso às escolas. Esse é apenas um dos desafios que acaba corroborando para comprometer a qualidade da educação no município.

Faz-se necessário enfatizar que, de acordo com as afirmações estabelecidas pelo Ministério do Desenvolvimento Social no Guia de Cadastramento de Populações Tradicionais e Específicos (BRASIL, 2012) que:

As regiões denominadas de terra firme ou de “centro”, mais distantes do rio, não sofrem alagamentos. Essas áreas são aproveitadas para a construção de casas e implantação de pastos e roçados. Muitas famílias constroem suas casas nas áreas alagáveis, sobre palafitas, adaptadas tanto ao regime de seca quanto de cheia; Nos períodos de cheia, é possível chegar de canoa até as residências situadas em áreas de terra firme. No período de seca, muitas vezes é necessário deixar o barco no porto e caminhar alguns quilômetros para chegar até o centro. Em muitas localidades o transporte é feito somente pela via fluvial (p.44).

Conforme abordado anteriormente, estes aspectos fazem parte das características do município de Muaná e retratam veementemente a localidade onde moro e trabalho como professora: Alto Rio Atua que fica mais ou menos 2 horas de barco até a zona urbana da cidade de Muaná.

Portanto, discutir, mesmo que seja de forma simples a Educação Ribeirinha no contexto atual, referindo-me especificamente ao município em foco (Muaná), possibilita compreender e estabelecer uma relação sobre esta mesma realidade que faz parte do cotidiano de muitos professores e alunos, problematizando dentro de uma perspectiva crítica, uma vez que a legislação garante a todos os cidadãos brasileiros o acesso a uma educação de qualidade.

Desse modo, pensar a educação no contexto ribeirinho amazônico é tentar estabelecer uma relação desta com a realidade que circunda o aluno, pois este contexto se constitui como um *lôcus* de desenvolvimento diferenciado, que pouco se

tem conhecimento na literatura. É um contexto com diversas peculiaridades como o modo de vida extrativista, ausência de energia elétrica e falta de saneamento básico; e, principalmente, com precário acesso às políticas públicas, nas áreas de educação e saúde (MENDES, 2008, p.81).

Embora saibamos que a legislação garante uma educação de qualidade para todos, temos plena consciência que o próprio contexto sócio-histórico-cultural em que estamos inseridos constitui-se como um grande desafio, uma vez que, torna-se um elemento de segregação social. Com isso, há uma grande disparidade entre aquilo que é proposto pela legislação e o que realmente demonstra o cotidiano escolar da Educação Ribeirinha no município de Muaná. Essa disparidade é observada nitidamente no contexto da educação ribeirinha que tampouco vive um sonho de ter uma educação digna e de qualidade.

Logo, faz-se necessário lançar um novo olhar para a Educação Ribeirinha com o intuito de oferecer os subsídios necessários que atendam às reais necessidades desse público, para que possam, de fato, ter acesso aos bens e serviços essenciais de qualidade para a sua subsistência, os quais incluem desde o emprego e o trabalho formal, bem como, a renda daí decorrentes, até bens e recursos que podem ser considerados mais simbólicos e afetivos, como vínculos familiares e sociais ou o acesso à educação e à cultura, como afirma Silva (2000).

Portanto, no próximo capítulo, faço um delineamento da minha trajetória de vida, bem como, da minha trajetória educacional a qual perpassa desde a alfabetização até a finalização da oitava série. Além, de mostrar um pouco as dificuldades e os desafios enfrentados, ao longo desse percurso, que deixaram marcas profundas, tanto de alegria quanto de tristezas em minha memória.

CAPÍTULO II

2. MINHA HISTÓRIA, MINHA VIDA: TRAJETÓRIA PESSOAL E EDUCACIONAL.

2.1 MINHA TRAJETÓRIA PESSOAL

Lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

Ecléia Bosi

Nascida em 1984 às margens do rio Atua no Município de Muaná- PA. Sou de uma família com poucas posses ligada à agricultura familiar. Minha mãe Íris Teixeira de Brito teve poucas oportunidades de estudos. Nessa época, a escola estava localizada em uma área muito distante do local onde morávamos. Tudo era muito difícil. Não havia transporte escolar. O acesso era feito com canoa á remo². Por esse motivo ela estudou apenas até a antiga 2ª (segunda) série do ensino fundamental (atualmente 3º ano/9), pois a mesma tinha que ajudar no sustento da família realizando um trabalho árduo na roça, a qual trabalhava com plantação de Mandioca, Milho, Macaxeira, Maxixe e posteriormente com o plantio e colheita de Açaí – fruto típico da região amazônica.

Era com estas atividades que minha família sobrevivia. Acordavam bem cedo para trabalhar e passavam a maior parte do tempo na roça. O meu pai Antônio Correa Gonçalves semianalfabeto, assina apenas seu nome, mas a experiência de vida ensinou-lhe a calcular com muita precisão já que sempre comercializou os produtos produzidos da roça.

Minha infância não foi muito boa. Muitas vezes tinha que ajudar meus pais no serviço da roça. O local de diversão e brincadeiras era a roça, pois, encontrava em meio a natureza o tempo livre para brincar e me divertir. Aprontava, pulava, corria de um lado para o outro, subia nas árvores, queimava a estrada. Eu e minhas irmãs sempre fazíamos isso, meus pais não gostavam e às vezes chegavam a nos agredir. Eu era uma menina sapeca. Chorava, brigava, aprontava e jogava a culpa nas minhas irmãs.

O brincar faz parte da infância, isto é, da essência da criança, o qual contribui diretamente para o seu desenvolvimento infantil, uma vez que é nas brincadeiras que as

² Canoa é uma pequena embarcação muito utilizada na região Amazônica que serve para o deslocamento de muitas pessoas que residem às margens dos rios. A canoa pode ser considerada como um dos principais meios de transporte dos ribeirinhos. Claro, que atualmente com a globalização muitas pessoas já utilizam vários outros meios de transportes aquáticos, como o “rabudo”, barco, voadeira, etc.

crianças expressam o que vivem e sentem. A brincadeira deve ser compreendida como algo sério que é de suma importância para o processo de desenvolvimento infantil, é através das brincadeiras que as crianças seguem para novos espaços e construção da realidade.

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca a vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso (VELASCO, 1996, p. 78).

Meus pais sempre me deixavam livre nas brincadeiras, mas não gostavam que jogasse bola por que diziam que isso era brincadeira de meninos, porém, desde pequena tinha uma paixão pelo futebol. Também, sentia falta de uma boneca industrializada³ e outros brinquedos, bem como, de acesso à televisão, revistas, jornais, livros, mas devido à nossa condição financeira ser precária isso era inviável.

Hoje compreendo a importância, em proporcionar as crianças vários mecanismos e/ou instrumentos de interação em que possam se desenvolver, por que sei que isso contribui muito para o seu aprendizado. Quanto mais cedo o contato das crianças com livros, revistas e vários outros objetos mais rápidos será o seu desenvolvimento tanto cognitivo, intelectual, bem como, sua interação com o ambiente ao seu entorno.

Porém, a minha família não tinha essa compreensão e também a nossa condição financeira não possibilitaria aos meus pais comprarem brinquedos para que eu pudesse brincar e me divertir. Muitas vezes diziam que tinha que ir trabalhar para ajudar no sustento familiar. Mas apesar dessas dificuldades algumas vezes aproveitava a oportunidade na roça para brincar com o que estava ao meu alcance, a final, a gente não brinca somente com brinquedos, sejam estes industrializados ou caseiros (construídos em casa). Podemos brincar de brinquedos cantados, pira-pegas e inúmeras outras brincadeiras.

Nesse contexto, destaco que conforme estudamos, em sala de aula ao longo do curso, aprendi que a concepção de infância, criança e desenvolvimento tem passado por várias transformações ao longo dos anos, principalmente a partir do século passado o que vem exigindo novas compreensões sobre a forma de pensar e agir com relação à criança pequena.

³Gostaria de ter ganhado uma boneca industrializada porque as minhas eram feitas do cacho de Pataú – um fruto típico da nossa região e é muito parecido com a Bacaba outro fruto também muito presente nos nossos terrenos. Ambos possuem semelhanças com o açaí devido o formato do cacho, porém, tanto o carroço quanto tamanho do cacho são bem maiores que o açaí.

Conforme afirma Oliveira (2012, p.20) “concepções de infância são construções históricas, em cada época predominam certas ideias de criança, de como esta se desenvolve e quais comportamentos e conhecimentos ela deve apresentar”.

Atualmente, sabemos que já há uma nova definição de criança bem diferente da do século passado. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), a criança é vista como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

A concepção de infância sustentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil coloca a criança como um sujeito de direitos que se desenvolve a partir das múltiplas interações que experimenta com o meio social, visando o desenvolvimento integral dos diferentes níveis (motor, afetivo, cognitivo).

Felipe (2011), baseado nas ideias da teoria Sociointeracionistas de Vygotsky, afirma que esses desenvolvimentos ocorrem por meio do contato da criança com as coisas do meio ambiente e também com seu próprio corpo, bem como, através da interação com outras crianças e adultos. Assim, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem, uma vez que elas não são meras receptoras das informações que estão à sua volta, mas interagem com o ambiente mostrando que a capacidade que o indivíduo tem de aprender e perceber, isto é, ter conhecimento de coisas e pessoas dar-se-á a partir de suas relações sociais (sujeito e meio).

Portanto, é necessário compreender o processo de desenvolvimento da criança, levando em consideração os seus aspectos sociais, cognitivos, intelectuais, compreendendo-a como um sujeito de direito que possui uma grande capacidade de aprender e interagir com o meio na qual está inserida, deixando de lado, a velha concepção de que a criança é vista como uma folha em branco. O professor do contexto atual precisa ter essa visão clara, uma vez que a concepção de criança e infância sofrem transformações ao longo dos anos de acordo com cada contexto sócio-histórico-cultural.

2.2. INÍCIO DA MINHA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

Aos 09 anos de idade iniciei minha trajetória escolar. No ano de 1993 ingressei na Escola Estadual Said Rauda Kalif, localizada no Rio Atua (ribeirinha) que funcionava em

regime Multisseriado. Nas classes multisseriadas, os alunos são organizados em uma única sala na qual se reúnem alunos pertencentes, geralmente, a várias séries iniciais do ensino fundamental sob a regência de um único professor.

Neste modelo de ensino, as disciplinas são trabalhadas com dificuldade pelo fato de existirem várias crianças com séries e idades diferentes estudando no mesmo local. O que na maioria das vezes é feito, é dividir a turma para poder trabalhar. Com isso, percebemos que existe uma sobrecarga de trabalho com pouquíssimo e até mesmo nenhum reconhecimento, e conseqüentemente, há pouco aproveitamento na aprendizagem. Isso porque, torna-se praticamente impossível o professor dar atenção para todos os alunos, dificultando, desse modo, o seu rendimento escolar. Essa temática além de ser um objeto de investigação quase inexplorado pelos historiadores da educação ainda não foi extinta em muitas escolas.

Para Barros (2004, apud MENDES Set al, 2008, p,85) a escola “multisseriada é a denominação que se dá à classe com um único professor lecionando, ao mesmo tempo, vários adiantamentos de 1ª a 4ª séries”.

O docente que participa deste processo de aprendizagem acaba por vivenciar variados papéis: leciona, faz merenda, dirige e limpa a escola e também lida com uma realidade difícil: várias idades e níveis de aprendizagens que estão vinculados à grande evasão escolar e repetência. A sua prática educativa, então fica pautada em apenas respostas, pois o professor que está imerso neste contexto não possui um período para refletir suas ações. Desta forma, está vinculado a um modelo educacional excludente, que despreza as peculiaridades locais. Este não vê que ao transformar o processo em multi e seriado lança um olhar quantitativo sobre o indivíduo (séries devem ser obedecidas) e, com isso, a ação educativa é fragmentada, realizando uma hierarquização da aprendizagem escolar (MENDES, 2008, p.81-82).

Portanto, de acordo com Mendes (2008), entende-se que essa expressão multisseriada, refere-se à uma diversidade e/ou pluralidade existente no contexto educacional, relacionada às especificidades sociais, educacionais, histórias, culturais de cada sujeito. Desse modo, essa expressão mostra claramente a dinâmica sociocultural e educacional de muitas escolas em contraposição as urbanas. Isto é, as escolas que funcionam em regime Multisseriado possuem uma dinâmica até mesmo organizacional diferente das escolas que estão inseridas nas zonas urbanas.

Apesar de morarmos distante da cidade (zona urbana), longe da escola e por sermos somente mulheres tivemos muitas dificuldades para ter acesso à educação. Gastávamos aproximadamente 2hs de canoa a remo até chegar à escola.

Quando eu parava de remar minhas irmãs batiam-me com o remo. Ficava muito cansada, com fome, o sol muito quente. Além de tudo, não podia contar nada para os meus

pais porque minhas irmãs me ameaçavam em jogar no rio e eu tinha muito medo, pois segundo as lendas, no Rio Jaburu havia uma cobra grande que vivia no fundo do rio e fazia a ilha se deslocar de um lugar para o outro. Então eu tinha medo e apanhava calada.

Como sabemos, a região amazônica é considerada a maior floresta tropical do mundo e possui uma grande biodiversidade. Além disso, ela é o maior dos biomas brasileiros. Devido a sua grande extensão territorial e ser rica em biodiversidade a floresta amazônica é conhecida como “Pulmão do Mundo”.

Entretanto, não quero enfatizar aqui essas características da região amazônica que a tornam cada vez mais exuberante, mas sim, abordar outro aspecto muito peculiar dessa região. De acordo com Costa (2009), a floresta Amazônia também pode ser percebida através de outro olhar: um olhar contemplativo, que confere a ela qualidades, tais como as de “rica incomparável, bela misteriosa, inferno, paraíso” Loureiro (2001, Apud COSTA, 2009, p. 103).

Logo, dentro dessa visão retratada pelo autor Loureiro, pretendo abordar de forma bem breve as lendas e os mitos amazônicos, pois, a região amazônica é rica em lendas e mitos que fazem parte do imaginário popular e fazem parte também da cultura local do povo amazônida.

Quando falamos em imaginário, várias outras palavras e conceitos surgem em nossa mente: imagem, imaginação, fantasia, lembrança, devaneio, sonho, crença, mito, ficção, lenda, entre outros. Longe de uma definição clara e objetiva, a noção de imaginário não é simples de ser compreendida, pois concorre com outras, inclusive com os conceitos acima citados. Estudiosos de vários campos do conhecimento já tentaram delimitar o que seria e o que abarcaria o imaginário (Ibidem 2009, p. 11).

Por isso, faz-se necessário compreender o imaginário popular como um artefato e/ou um elemento cultural, constituindo-se como crenças, lendas que estão diretamente relacionadas com o irreal, a fantasia.

O imaginário é fruto da cultura e ao mesmo tempo um dos elementos que fundamentam e dão corpo a essa cultura. Isso acontece porque o homem é constantemente influenciado pela mediação de diversos aspectos culturais, utilizando os símbolos que já estão disponíveis e ressignificando-os de acordo com o contexto no qual se encontram. O imaginário, por sua vez, vem integrar esse guia de hábitos, comportamentos e crenças, construindo uma visão de mundo, uma outra forma de realidade que considera não apenas elementos concretos e palpáveis dessa realidade, mas que leva em conta o não real, o sonho, o sentimento, a imprecisão (COSTA et.al 2009, p.12).

Neste contexto, Costa (2009) enfatiza veementemente que os elementos que influenciam a construção do imaginário popular do povo paraense são constituídos, portanto, dentro dos próprios cenários em que vive boa parte da sua população, os quais são predominantemente compostos por rios e florestas.

Ainda segundo a autora, numa região de grandes matas e composta por cidades marcadas pela forte presença das águas dos rios, de cores barrentas, que cortam todo o estado e interligam fluxos diversos de pessoas, serviços e mercadorias, o imaginário não poderia estar distante desses elementos, pois são eles que fornecem a base para sua construção.

Dessa forma, compreendo que o rio não é apenas a nossa via de acesso, o lugar de onde tiramos na maioria das vezes a nossa subsistência. O rio não é apenas nosso caminho, nossa estrada, nossa referência como meio de transporte. O rio não é somente o local por onde nos deslocamos para outras comunidades, para a escola, para a casa de vizinhos, para a cidade ou para qualquer outro lugar. Tampouco é apenas espaço de diversão, de brincadeiras, de lazer.

O rio é o elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso, com o fantástico, com o misterioso, o irreal. Isto é, o rio é fonte de produção de mitos, lendas, crenças, hábitos e costumes os quais fazem parte do nosso imaginário popular desde criança e constituem a nossa identidade enquanto sujeitos ribeirinhos. Para tanto, tomamos como exemplo as lendas e os mitos que fazem parte do município de Muaná, temos a história do Rio Jaburu, do Poço da Joanelha.

Retornando a descrição feita anteriormente, um belo dia a canoa virou e perdi meu caderno. Chegando em casa, comecei a chorar. Conteí tudo para meus pais e eles bateram nas minhas irmãs. Aproveitei o fracasso delas e conteí que batiam em mim com remo, que me apelidavam. A partir de então comecei a sofrer bullying dentro de casa e posteriormente na escola. Eu era apelidada de “vara de pescar” porque era bem magra e de cabelo de “Bombri”. Por ser filha caçula eu tinha algumas regalias com meus pais o que fazia com que minhas irmãs ficassem bravas comigo. Ao chegar na escola os apelidos aumentaram. Começaram a me chamar de cabelo de “Bombri”, “dedo de jabuti”, “Girafa”, entre outros. Às vezes, devido aos preconceitos me sentia com baixa estima, negação da própria imagem, sentimentos de angústia, revolta e dificuldade em relacionamentos pessoais.

Atualmente ainda tenho dificuldade para interagir com pessoas, inclusive com meus próprios colegas de turma. Acredito que tudo isso ainda é consequência dos momentos traumáticos que enfrentei ao longo de toda a minha Educação Básica, onde fui vítima de bullying.

A professora na época não aceitava essas coisas dentro da escola, mas era difícil de controlar, pois tinha um grupinho que sempre me zoava. Foi então que eu perdi o interesse em estudar. As dificuldades que tive que enfrentar foram muito dolorosas. Eu chorava muito, isolei-me, fiquei trancada no banheiro várias vezes. Era necessário a professora ir me buscar para que pudesse retornar para a sala de aula e isso dificultou bastante a minha aprendizagem.

O bullying, o medo da lenda, a distância que tinha que percorrer até a escola tudo era mais difícil nessa época; não tínhamos barco para fazer uma viagem mais rápida. Tudo era feito de canoa á remo. Todas essas dificuldades contribuíram diretamente para que não obtivesse um bom desempenho escolar.

Hoje percebo que o tema bullying ainda está muito presente no âmbito escolar e compreendo quão importante é combatermos isso em sala de aula, pois ele vem sutilmente sendo disseminado no campo da educação, tendo consequências gravíssimas para as vítimas que enfrentam esse problema. Sobre essa temática Fante (2005, p. 28-29) destaca que:

A definição de bullying é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. [...] é um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais-e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais da educação.

Desse modo, conforme afirma Beane (2010) o bullying descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impactos graves sobre o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa. O bullying é uma forma de comportamento agressivo e direto, uma vez que é intencional, doloroso e persistente (repetido), onde crianças vítimas de maus-tratos são debochadas, assediadas, socialmente rejeitadas, ameaçadas, caluniadas e até mesmo assaltadas ou atacadas (verbal, física e psicologicamente) por um ou mais indivíduos.

Portanto, compreendo que a importância em combater esse tipo de violência no âmbito escolar está no fato de que o mesmo não é neutro, muito pelo contrário, torna-se conforme destaca Luckesi (1997)⁴ uma “arma” útil da perspectiva psicológica para o desenvolvimento de personalidades submissas, bem como, da perspectiva social é útil para contribuir para seletividade social, uma vez que a maioria das vítimas ficam a maior parte do tempo isolada. Logo, a prática do bullying se constitui como um ato de violência,

⁴Embora o autor não discuta essa problemática utilizei essa citação porque ela resume com muita precisão o que gostaria de enfatizar.

caracterizada, principalmente, pelo que Pierre Bourdieu (1982) chama no seu livro “A reprodução” de violência simbólica.

Atualmente, percebo que as dificuldades que na época enfrentava foram aos poucos sendo minimizadas. A educação Ribeirinha já obteve alguns avanços significativos, mas que ainda não são suficientes para atender toda a demanda existente, tampouco, para oferecer um ensino de qualidade a toda comunidade, principalmente ao corpo discente.

As escolas ribeirinhas através da nucleação⁵ já obtiveram mudanças significativas, como por exemplo, alguns professores já são da localidade, pois se graduaram e retornaram para a comunidade. E aqueles que não são, estão em busca de realizar esse sonho. Já existe também os barcos (Condutores) que fazem a condução dos alunos até a escola. As crianças são assistidas, com merenda escolar. Em termos de estrutura das escolas Municipais algumas já foram reformadas, mas, sabemos que isso não é suficiente, embora seja primordial para esse processo de oferecer um serviço de qualidade para a população local. Enfim, apesar desses avanços ainda há muito a ser feito para que se tenha uma boa qualidade educacional nas escolas ribeirinhas no município de Muaná.

Vale ressaltar que não frequentar a escola na idade certa me trouxe sérios problemas de aprendizagem, pois não conhecia muitas coisas. Tinha muito medo de falar palavras erradas. Das letras que compõe o alfabeto conhecia apenas até a letra I, pois é a letra que inicia o nome de minha mãe (Iris). Quanto aos números, somente até cinco, a quantidade de irmãs que tenho.

Como frisado no capítulo anterior, o Brasil é um país que apresenta inúmeras disparidades, ao passo que também possui um quadro alarmante de fragilidades em seu sistema educacional. Em virtude disso, há um número gigantesco de crianças em idade escolar fora das salas de aula.

Com o objetivo de diminuir essa disparidade no sistema educacional e garantir as crianças o direito à aprendizagem na idade certa, ou seja, que elas possam ser alfabetizadas logo no início do ensino fundamental, algumas medidas legais foram instauradas. Em 4 de Julho de 2012, foi oficializada a Portaria nº 867, que estabeleceu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- PNAIC definindo, assim, suas diretrizes legais.

⁵ A nucleação refere-se a transferências de escolas - que funcionavam como anexo e também aquelas que ficavam em uma localidade de difícil acesso, não possuindo, nem mesmo coordenação pedagógica - para uma outra, onde o acesso era melhor, a qual passou a ser chamada de escola polo. Desse modo, houve a diminuição de escolas que funcionavam muitas vezes em barracões ou até mesmo em casas de família. Na época em que estudava no interior do município de Muaná havia bastante esses tipos de escolas que funcionavam nestes locais acima mencionados.

Por meio desta Portaria fica estabelecido um período adequado para que todas as crianças sejam alfabetizadas, conforme apresentado no artigo abaixo descrito.

Art. 1º Fica instituído o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, pelo qual o Ministério da Educação (MEC) e as secretarias estaduais, distrital e municipais de educação reafirmam e ampliam o compromisso previsto no Decreto no 6.094, de 24 de abril de 2007, de **alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental**, aferindo os resultados por exame periódico específico, que passa a abranger:

I - a alfabetização em língua portuguesa e em matemática;

II - a realização de avaliações anuais universais, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP, para os concluintes do 3º ano do ensino fundamental;

III - o apoio gerencial dos estados, aos municípios que tenham aderido às ações do Pacto, para sua efetiva implementação.

Parágrafo único. A pactuação com cada ente federado será formalizada em instrumento próprio a ser disponibilizado pelo MEC (grifo da autora. BRASIL, 2012, Portaria Nº 867- INEP).

Com isso, hoje as crianças já estão iniciando a sua trajetória educacional bem mais cedo, por isso, possui uma maior possibilidade de se desenvolver integralmente. Isto é, possui mais facilidade para ler, escrever, fazer determinados cálculos, se expressar e tudo isso vai estimulando a sua criatividade, além, de possibilitar a ela o contato mais cedo com a escola o que é de fundamental importância para todo o seu processo de formação humana.

Em 1993, na escola Said Rauda Kalif, quando estudava a alfabetização, me deparei com a primeira professora, foi muito bom porque já a conhecia e ela sabia as dificuldades que passava para chegar até a escola. Era muito carinhosa com toda a turma. Lembro como se fosse hoje quando eu entrei na sala de aula e dei-lhe um forte abraço. A professora solicitou que sentasse na frente para que pudesse ajudar-me a superar as dificuldades do dia a dia, durante o ano letivo. Com isso me sentia valorizada por ela me receber desta forma e isso aos pouco me ajudou a superar os traumas ocasionados pela prática do bullying.

Sempre procurava fazer as atividades, que eram propostas para fazermos na escola. Para facilitar no desenvolvimento das aulas e na aprendizagem eram feitas através de dinâmicas diversificadas como: roda de conversa, dominó, com palitos de fósforos, quebra-cabeça das vogais e aula-passeio, livros didáticos, etc. Ao chegar a casa, repassava aos meus pais o carinho da professora por mim e por todos os alunos da classe.

Nem sempre havia merenda escolar, mas sempre que podia a professora trazia café de sua residência durante alguns dias para toda turma. Considerava-me uma boa aluna e a dedicação da educadora incentivava-me. Ela mantinha uma ótima relação com toda a turma.

Essas relações que envolvem trocas de experiências e afetividade são importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois, ajudam na interação dos alunos e contribui para a interação social. Segundo Veiga (1989, p.158), “a relação entre professor e aluno é uma relação de reciprocidade, de influências mútuas exigindo trocas de experiências e conhecimento”. Portanto, o professor precisa conhecer a realidade em que os alunos estão inseridos, pois “a relação professor-aluno-conteúdo é uma relação social de reciprocidade e não pode ser compreendida separadamente” (Ibidem, 1989 p. 175).

Assim sendo, posso dizer que são momentos simples de carinho, afeto, dedicação, companheirismo e compreensão que muitas vezes deixam as melhores lembranças em nossas memórias, fazendo-nos reportar no tempo e sorrir ao lembrar desses episódios que deixaram marcas boas e agradáveis em nós.

Porém, como nem tudo são flores, no ano 1993 na escola Said Rauda Kalif, quando ainda estudava a alfabetização, houve troca de professores, o que prejudicou o aprendizado da turma. Fiquei super decepcionada quando o professor substituto fez todo mundo trocar de lugar. Não era carinhoso, deixava de castigo, não corrigia nossos trabalhos, não tinha atividade para casa, não realizava dinâmicas, não tinha brincadeiras lúdicas. Como não sabia o alfabeto completo não me deixava sair da sala durante o recreio.

Ao chegar em casa falava tudo para os meus pais. Foi então que meus pais decidiram se mudar para a cidade, onde eu tive que refazer a alfabetização. Como minha mãe não tinha experiência sobre esse processo educacional, me matriculou na mesma série.

Comecei a estudar novamente a alfabetização na escola Paula Frassinetti que é uma escola municipal, com uma boa estrutura física, possui biblioteca, sala de leitura, informática, enfim. De início não foi fácil, nunca havia estudado na cidade de Muaná; não conhecia ninguém e ficava a maior parte do tempo sozinha observando os colegas.

A professora Graça era bem atenciosa e dedicada a sua profissão, estava sempre disposta a ajudar cada educando em suas dificuldades. Observou que não interagia com a turma e aos poucos foi modificando o seu método de trabalhar em relação da cartilha do ABC, que era trabalhado todos os dias após o recreio. Depois passou a ser feito três vezes por semana e os dois dias fazia brincadeira lúdicas, como roda de conversas, brincadeira de roda, música educativa, jogos educativos e outros. Assim fui interagindo com a turma e aos poucos fui perdendo a timidez.

Na escola as brincadeiras de roda, mas principalmente, o futebol de campo fazia parte de nossas atividades. Eu particularmente gostava muito de jogar futebol, mas o meu pai não deixava. Em uma bela tarde estava toda alegre como uma “Marta” (jogadora da seleção

brasileira) pronta para a partida, quando fui surpreendida pelo meu pai que me proibiu de jogar. Obviamente, fiquei com raiva, contudo, apesar da proibição não deixei esta minha paixão. Até hoje sou apaixonada pelo futebol.

Continuei nessa escola durante quatro anos. Nela concluir o meu ensino fundamental menor. Durante esse período vivi a experiências de práticas pedagógicas de diversos professores, alguns muito atenciosos, com práticas diferenciadas que contribuíram significativamente, para o meu processo de ensino e aprendizagem, por esse motivo me sinto muito gratificada, pois seus métodos lúdicos que envolviam brincadeiras tornavam as aulas mais prazerosas. Por outro lado, também, tive a oportunidade de estudar com professores, digamos assim, descompromissado com a sua profissão e também um pouco autoritário, o que conseqüentemente, esse descompromisso e esse autoritarismo refletiam diretamente em sala de aula, principalmente no nosso aprendizado.

2.3. INGRESSO NA ESCOLA MUNICIPAL ÂNGELO NASCIMENTO

Devido à escola em que estudava anteriormente não possuir a quinta série meus pais me matricularam em outra escola, nominada de Ângelo Nascimento, localizada na zona urbana do Município de Muaná. Esta escola atende atualmente até o nono ano do Ensino Fundamental.

Meu ingresso nesta instituição foi uma experiência nova, pois não estava acostumada a estudar com mais de um professor por dia. Quando o primeiro professor entrou na sala e ministrou a sua aula com tempo de 45 minutos, encontrei um pouco de dificuldade, pois não conseguia acompanhar o que ele escrevia no quadro negro devido encontrar problemas para escrever, ou seja, além de não possuir uma boa escrita, também tinha dificuldade na leitura e coordenação motora.

O impacto maior aconteceu ao término dessa primeira aula, principalmente, por que assim que um professor saiu da turma, entrou outro e fiquei sem entender nada. Lembro-me que estudava com até quatro professores por dia o que dificultava ainda mais o meu desenvolvimento, pois não conseguia acompanhar o andamento das aulas.

Por causa disso, muitos professores exigiam que fizesse cópias de vários livros, afirmando que isso iria me ajudar a melhorar, tanto a escrita quanto a leitura e também a minha coordenação motora. Depois de um tempo fazendo essa atividade percebi que realmente obtive melhoras significativas, já não encontrava tanta dificuldade na leitura e na

escrita, inclusive, conseguia acompanhar os professores quando os mesmos escreviam no quadro.

Porém, minha maior dificuldade estava relacionada com os conhecimentos da área de exatas, principalmente, com a disciplina de matemática. Como não compreendia os assuntos trabalhados pelo professor não conseguia resolver os problemas propostos.

Um dos motivos que faziam com que não gostasse de matemática era porque o professor era um terror. Ao entrar na sala de aula já vinha com sua “arma” – vara - bem parecida com uma régua possuindo aproximadamente 1 (um) metro de comprimento e batia em cima da mesa. Na maioria das vezes, assim que avistávamos ele se aproximando da sala corríamos para as nossas cadeiras e ficávamos todos em silêncio.

O professor sempre enchia o quadro negro de conteúdos e em seguida saía da sala para poder fumar alguns cigarros em frente da escola. Algumas vezes conseguíamos sentir o cheiro horrível do cigarro dentro da sala de aula, porém, ninguém falava nada, pois, tínhamos medo de sofrer algum tipo de punição.

Ao retornar para a sala de aula o professor pegava a vara e apontava para um determinado aluno, dizendo: “você! vai a frente resolver um exercício”, se o aluno errasse o cálculo, ele batia com a vara na cabeça do aluno. Ressalto que a batida não era forte, mas o fato dele fazer isso deixava-nos todos nervosos, assustados, pois pensávamos que poderíamos ser o próximo que ele iria chamar.

Hoje, a partir do meu ingresso no curso de Pedagogia, compreendo muito bem que essa forma de trabalhar do referido professor, estava baseada puramente numa tendência pedagógica que não possibilitaria aos alunos, a aquisição de uma aprendizagem satisfatória, isso porque, sua prática docente estava fundamentada nos pressupostos da pedagogia tradicional. Segundo Libâneo (1945, p. 25), na tendência pedagógica liberal tradicional:

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma da verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

De acordo com autor, a pedagogia tradicional tem como uma das principais características, o ensino centrado na figura do professor, que expõe e interpreta o conhecimento. Desse modo, o aluno é apenas um mero recebedor do conteúdo, cabendo-lhe a obrigação de memorizá-lo para utilizar em situações adequadas, provas e testes por exemplo.

Nesta tendência pedagogia, que inclusive, encontra-se ainda muito presente no contexto educacional, na maioria das vezes, o conteúdo de ensino é apresentado com auxílio de objetos, ilustrações ou exemplos, embora o meio principal seja a palavra, ou seja, a exposição oral. O conteúdo a ser ensinado é totalmente desvinculado das experiências e das realidades sociais dos alunos. O método de ensino baseia-se na exposição verbal da matéria ou disciplina que está sendo trabalhada. Esse método é dado pela lógica e sequência do assunto, modo pelo qual o professor se apoia para comunicar-se desconsiderando o processo cognitivo desenvolvido pelos alunos para aprender.

Portanto, atualmente, frente às transformações ocorridas na sociedade de modo geral, são necessários novos paradigmas de formação, que ultrapasse essa tendência pedagógica liberal tradicional que conforme afirma Libâneo (1945, p. 25) “é viva e atuante em nossas escolas”.

Ainda descrevendo sobre a prática pedagógica do professor de matemática, o terror maior mesmo ocorria quando chegava o período de prova, pois, todos nós alunos tínhamos medo de ficarmos reprovados na disciplina. Ele nos ameaçava dizendo que quem não aprendeu os conteúdos antes tinha que se virar, porque a prova de recuperação era pior ainda. Isso era traumático, horrível!

Como possuía dificuldades na disciplina, não conseguia na maioria das vezes, realizar determinados cálculos sem o uso da calculadora. Houve um dia que eu fiquei aterrorizada com uma situação, que ocorreu comigo em sala de aula: o professor quebrou a minha calculadora bem na minha frente. No momento, devido essa atitude sentir muito medo, e isso, fez com que aos poucos fosse perdendo a confiança em mim mesma, pensava que não era capaz de aprender tudo aquilo que ele estava exigindo. Fiquei deprimida e com medo por alguns dias.

Levando em consideração as discussões realizadas em sala de aula no decorrer do curso, percebo que, no que se refere à concepção de avaliação do professor da disciplina outrora mencionada, a mesma era vista apenas como uma pedagogia do exame e não como avaliação propriamente dita enfatizando a sua verdadeira função: auxiliar a construção da aprendizagem satisfatória dos alunos, conforme destaca Luckesi (1997), no âmbito escolar da sociedade brasileira a avaliação da aprendizagem ganhou uma proporção tão ampla que a prática educativa passou a ser reconhecida mais por uma “pedagogia do exame” do que por uma pedagogia do ensino-aprendizagem.

O autor aborda ainda que a avaliação da aprendizagem escolar no Brasil é identificada como um modelo social liberal conservador, pois é autoritária, uma vez que essa

é a essência dessa perspectiva de sociedade, tornando, assim, a avaliação como um instrumento disciplinador não somente das condutas cognitivas dos alunos, mas também, das sociais no contexto escolar.

Com isso, fica claro que o processo histórico da concepção de avaliação fixada no contexto da educação está baseado nos pressupostos de uma tendência pedagógica liberal tradicional que ainda está muito presente no cenário educacional brasileiro.

Neste contexto, a prática pedagógica do professor de matemática estava pautada nessa concepção de avaliação que não nos possibilitava aprender realmente. O que muitas vezes fazíamos era decorar o conteúdo, melhor dizendo, a fórmula e até mesmo a própria questão de matemática para que pudéssemos conseguir uma nota satisfatória para obter a tão sonhada e temida aprovação na disciplina.

No entanto, vislumbrando novos horizontes frente a essas atitudes nada convencionais do professor, um belo dia resolvi “bater de frente com ele”. Isto é, questionei as suas atitudes, dizendo que ele estava agindo de maneira totalmente errada, pois, aquilo não seria uma atitude de um professor, mesmo sem ter nenhuma compreensão teórica das tendências pedagógicas, que influenciaram o cenário educacional brasileiro. Porém, a partir do que estava observando sabia que ele não deveria agir daquele jeito. Disse também, que ele estava causando medo a todos os alunos da turma. Nesse momento já estava super aborrecida e acabei me exaltando, olhei bem na cara do professor e disse que ele era um besta e valentão que não se preocupava nenhum pouco com os alunos e não avaliava as suas próprias atitudes, uma vez que elas estavam atrapalhando a aprendizagem de todos os alunos da turma. Devido essa minha atitude o professor me deu 2 (dois) dias de suspensão da aula; como já estava aborrecida disse que iria mandar prender ele para que nunca mais pudesse trabalhar como professor.

Ao cursar a 6ª (sexta) série nesta mesma escola já tinha uma visão mais ampla dos conteúdos que possivelmente iria estudar. Não estava tolhida em algumas matérias, mas o “terror” deixado pela experiência que tinha do professor do ano anterior na disciplina de matemática me acompanhava e isso fez com que eu não tivesse um bom desempenho nesta disciplina na sexta série.

Embora estivesse estudando com outro professor, o qual realizava um bom trabalho, pelo menos não nos amedrontava, eu não consegui superar o trauma, pois na minha mente a imagem que refletia era do malvado professor Miguel Oliveira.

Ao passar por essa experiência aterrorizante fiquei muito revoltada. Ao longo de todo o ano letivo na 6ª (sexta) série brigava com outros professores de diferentes disciplinas, não

acompanhava as aulas, saía da sala de aula sem pedir licença ao professor, inclusive quando os mesmos perguntavam algumas coisas, respondia em tom de voz nada adequado ou não respondia simplesmente, saía da sala.

Por esses motivos e também pelo fato de ter uma idade avançada não poderia continuar estudando no mesmo colégio. Assim que concluir a 6ª (sexta) fui transferida para a Escola Municipal Dr. José Malcher para cursar o supletivo 4ª etapa, (7ª e 8ª séries).

Após todos esses acontecimentos fiquei revoltada com minha própria vida. Engravidei ao término da 7ª série com apenas 19 anos de idade. No entanto, isso não me impossibilitou de continuar estudando. Mesmo com muitas dificuldades consegui finalizar a 8ª série. Vale ressaltar que em nenhum momento da minha vida pensei em desistir de estudar. Ao final do ano letivo precisei me ausentar de Muaná devido à minha gravidez que não foi planejada e a partir de então resolvi valorizar a minha própria vida e esperar a chegada do meu bebê.

Aos vinte anos de idade foi à chegada de uma menina linda graças a Deus, deu tudo certo. Por ser mãe solteira passei muitas dificuldades para criar minha filha, não trabalhava, não tinha nenhum curso profissionalizante, por esse motivo trabalhei como doméstica. Aos três meses de vida levava minha filha para o meu trabalho. Acordava às 6 da manhã e minha filha às 6:20 horas para ir ao trabalho, as vezes ela ia dormindo. Retornava somente às 18:00 horas da tarde.

Agradeço muito à minha mãe Ires Teixeira que nunca me abandonou sempre me ajudou a cuidar da minha filha, já que ela não teve ajuda paterna. Foi então minha mãe percebeu as dificuldades que estávamos passando e resolveu me incentivar a voltar a estudar, enquanto ela cuidava da minha filha.

A partir de então, mesmo com todas as dificuldades aceitei a proposta e retomei meus estudos, pois, sabia que ali estava a oportunidade de mudar a minha situação, principalmente, para proporcionar uma vida melhor para a minha filha, conforme relato feito no próximo capítulo que trata do meu ingresso no Ensino Médio.

CAPÍTULO III

3-ENSINO MÉDIO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

3.1. INGRESSO NO ENSINO MÉDIO

Como tudo na vida são desafios, assim como no fundamental, o Ensino Médio foi mais desafiador, pois a falta constante de professores, a distância entre minha casa e o colégio, a falta de transporte escolar o que fazia com que muitos dias fosse a pé para a escola porque não tinha bicicleta; tudo isso era muito complicado. Considerando ainda que trabalhava o dia todo e ainda sendo mãe solteira, mas, o sonho de conquista era maior que as dificuldades.

Como já citado no parágrafo anterior, as dificuldades cada vez mais aumentavam, assim como o cansaço; foram inúmeras as cochiladas durante as aulas. Mas, graças a Deus e aos educadores que eram bem compreensivos e me ajudaram muito, tudo deu certo. E como eu queria concluir o ensino médio me esforcei bastante. Diante de todas essas situações vividas me levaram a pensar em um futuro diferente, já que não era sozinha e sonhava em dar uma vida diferente à minha filha. E como diz Freire (1987, p. 19) “a superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se”.

E era essa mudança do paradigma social que eu buscava, pois como já explicitado, minha família o máximo que conseguira foi concluir o ensino médio, mas eu queria mais, só que a reprovação no primeiro ano, nas disciplinas Matemática e Física, logo de início, vieram como um balde de água fria. Na vida nem tudo são rosas, avancei para o segundo ano com dependência nas duas disciplinas, isso fez com que eu dobrasse o esforço e como todo esforço é recompensado, consegui superar esse momento de fraqueza. E a partir daí não reprovei em nenhuma outra disciplina.

Tudo isso foi aprendido, que levarei para a vida toda, além de servir de estimulante aos meus filhos, quando relatar as dificuldades enfrentadas em cada nível de ensino que passei. Essas dificuldades não só me ajudaram galgar níveis de ensino, mas acima de, quebrar os paradigmas sociais excludentes, e o mais importante foi a superação de tudo que passei, para que no futuro possa dar o grito de liberdade em todos os aspectos relacionados ao social.

Contudo, superar o ensino médio, para muitos é o fim do ciclo educacional, porém, não para mim, quando o conclui acendeu em mim a esperança de cursar uma graduação, mas aí me perguntei como? Se meus pais não tinham e não têm condições financeiras para bancar em uma universidade particular e universidade pública não existe em meu município, o que eu

ganhava ainda não era o suficiente nem para dar uma vida digna à minha filha, foi que surgiu a oportunidade de atuar na área da educação e com isso, a possibilidade de acesso através do PARFOR, e essa é outra história que será abordada no próximo item.

3.2. PRIMEIROS PASSOS RUMO A MINHA PROFISSÃO

Ao abordar os meus primeiros passos rumo a minha formação docente, afirmo que a mesma se delineou após o término do Ensino Médio. A partir deste momento, como necessitava trabalhar para sustentar a minha filha que estava pequena comecei a dar aulas de reforço escolar durante aproximadamente 8 (oito) meses, a qual acontecia na sala da minha própria casa.

Essa experiência foi muito significativa para mim, pois, através da mesma passei a ter contato com algumas pessoas que trabalhavam na Secretaria Municipal de Educação – SEMEC, onde a partir de então tive a oportunidade de ser contratada para o cargo de professora das séries iniciais do ensino fundamental em uma escola no interior do município de Muaná, chamada de Ludovico Hermógenes Rodrigues anexo I.

Por ser a minha primeira experiência profissional encontrei várias dificuldades, como escrever na lousa com giz, pois não tinha coordenação motora, o que fazia com que a escrita ficasse torta na lousa, além, de sofrer alergia ao pó de giz que fazia com que meus olhos ficassem vermelhos. Também destaco a falta de formação continuada, jornadas pedagógicas, falta de apoio do coordenador pedagógico, livros didáticos; infraestrutura física da escola inadequada por oferecer um espaço pequeno, uma vez que trabalhávamos no regime Multisseriado, outros inúmeros desafios enfrentados nas escolas por onde trabalhei posteriormente.

Portanto, foi a partir dessa experiência de trabalhar com reforço escolar que iniciei a minha trajetória profissional, enfrentando, com isso, inúmeros desafios ao longo desse processo já que não possuía formação profissional adequada para exercer o cargo que me foi concedido.

CAPÍTULO IV

4-EM BUSCA DE UM SONHO: INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

4.1-INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

O mundo está nas mãos daqueles que têm a coragem de sonhar e de correr o risco de viver seus sonhos.

Paulo Coelho

Após finalizar o Ensino Médio sentir muita vontade de continuar os meus estudos e fazer uma faculdade. Porém, infelizmente não consegui ingressar imediatamente no ensino superior ao término da Educação Básica, pois necessitava trabalhar para ajudar no sustento familiar. Com a oportunidade de trabalhar como, professora contratada, percebi que havia uma grande possibilidade de adentrar em uma faculdade, seja particular ou pública.

A grande oportunidade que tanto almejava aconteceu e o meu ingresso no Ensino Superior ocorreu no ano de 2014 quando realizei pela primeira vez a minha inscrição na Plataforma Freire e fui contemplada para o curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) na Universidade Federal do Para (UFPA) – Campus Universitário de Abaetetuba, onde pude ampliar meus horizontes e vivenciar novas experiências, além de construir novos aprendizados.

4.2 NOVAS VIVÊNCIAS, NOVOS APRENDIZADOS.

É preciso ousar.

É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

Ingressar na Universidade sempre foi um desejo pessoal que se tornou realidade no momento em que fui selecionada para o curso de Pedagogia através do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), o qual me oportunizou a possibilidade de “remover o rótulo de professora leiga” para me tornar uma profissional qualificada, pois com essa oportunidade passei a aprender e a construir novos conhecimentos visando resignificar minha prática pedagógica em sala de aula, tendo em vista que, hoje, após minha vivência na academia, compreendo que:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 58).

Neste meu processo de formação na Universidade as dificuldades e dos desafios que tinha que enfrentar a cada etapa do curso foram muitos: a necessidade de deslocamento da minha cidade (Muaná) para Abaetetuba, as despesas provenientes da minha permanência para poder estudar, tendo em vista, que sempre estávamos nos deslocando de uma escola para outra, pois, não tínhamos um local fixo onde poderíamos estudar permanentemente, fato que fazia com que tivéssemos que alugar quitinetes em locais diferentes, além, dos gastos com alimentação, moto taxi, bem como, com os materiais didáticos.

Outra questão era o fato de que tínhamos dupla jornada de estudos (manhã e tarde) e um tempo mínimo para cada disciplina o que muitas vezes era suficiente apenas para fazer resumos, sínteses, seminários, avaliações e outros trabalhos. Além de tudo isso, eu tinha um bebê de colo que necessitava da minha atenção. Então era muito difícil conciliar estudos, família e trabalhos. Porém, apesar dessas dificuldades permaneci firme na busca pela realização de um sonho pessoal.

As experiências vivenciadas na universidade foram imprescindíveis para a minha formação. Destaco as contribuições das disciplinas, enfatizando que a cada nova etapa era um mundo cheio de aprendizado, de novos conhecimentos que se faziam presente e ampliavam a minha concepção, enquanto educadora. Destaco também o papel dos professores, em especial, as professoras Vilma Brício e Maria Neuza Monteiro, por serem excelentes profissionais que nos exigiam ao máximo a leitura, a escrita, a interpretação, as discussões, mas também, pelos conselhos e incentivos a não desistirmos do curso, pois, essa oportunidade seria a possibilidade de mudarmos a nossa própria condição social.

Além desses momentos, resalto a minha participação em eventos acadêmicos que foram muito importantes para a minha qualificação profissional, onde pude aprender coisas novas que muitas vezes não eram problematizadas em sala de aula. Dessa forma, percebi que ao longo do curso a minha maneira de pensar mudou bastante; o curso me ajudou muito como pessoa, principalmente, como profissional, pois passei a construir um olhar diferente sobre as coisas, os fatos, os acontecimentos e principalmente sobre a educação.

Hoje compreendo que a universidade constitui-se como um espaço privilegiado, para a produção de conhecimento e a busca permanente pela formação crítica daqueles que estão

inseridos nesse local; entendo que a formação faz-se como processo contínuo, onde o aluno deverá sempre está se aprimorando profissionalmente.

A formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão e como titular (formação continuada). Esses momentos só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente (NÓVOA 2001, apud CASTILHO, 2009, p.21).

Partindo desta perspectiva, tenho plena convicção que o curso de Pedagogia tem contribuído muito para a realização de meus trabalhos tanto acadêmicos quanto os pertinentes à minha profissão, uma vez que tenho buscado melhorar o meu fazer pedagógico através de embasamentos teóricos, que venham enriquecer minhas práticas pedagógicas em sala de aula, pois, a partir do meu ingresso no curso pude compreender plenamente que as novas exigências na sociedade atual refletem diretamente no âmbito escolar e isso está exigindo uma redefinição no perfil dos futuros profissionais da educação.

Para atender às novas exigências da profissão, o docente necessita de atualizações constantes. A formação inicial é apenas o primeiro passo de uma caminhada, o professor precisa estar em formação continuada, individualmente e coletivamente, para atender a complexidade das salas de aula atuais (Ibidem, 2009, p.6).

Pensando nisso, atualmente, após o meu ingresso na universidade foi perceptível às transformações realizadas na minha maneira de trabalhar. Hoje, antes das minhas aulas realizo várias pesquisas, em livros na própria escola onde trabalho, para subsidiar as minhas atividades, além de fazer pesquisas na internet sobre determinados assuntos, bem como, para me ajudar a elaborar as minhas atividades de maneira mais lúdica. O planejamento atualmente faz parte desse processo, ao contrário de antigamente, pois, compreendo que o mesmo é um dos principais instrumentos que irá nortear o fazer pedagógico em sala de aula, inclusive, os planejamentos e alguns projetos realizados em parceria, com alguns professores da Educação Infantil, que trabalham na zona urbana do município de Muaná, uma vez que na escola onde trabalho não há coordenador pedagógico específico para esta modalidade de ensino (Educação Infantil).

Com essa experiência também passei a organizar melhor o espaço da sala de aula; hoje o mesmo está mais lúdico com vários cartazes decorativos, como cantinho da leitura, chamadinha, ajudante do dia, leitura deleite, palavras mágicas, calendário, enfim.

Dessa forma, ressalto que a partir da minha formação na universidade, aprendi a construir novos conhecimentos, que me possibilitaram lançar um olhar diferente para a minha

própria maneira de trabalhar, tendo convicção que “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”, pois, esse processo é primordial para a ressignificação da prática pedagógica em sala de aula. Neste contexto, concordo plenamente com Oliveira (2011) quando afirma que “os professores aprendem e amadurecem quando são capazes de analisar sua própria experiência, quando conseguem extrair dela uma solução que posta em prática, ajude-os a fazer melhor o seu trabalho e permita-os viver uma nova experiência” (Oliveira, et.al 2011, p.24).

Portanto, a minha formação no curso de Pedagogia trouxe uma mudança muito grande na minha vida em todos os aspectos, hoje minhas práticas deixaram de ser pautadas, apenas naquilo que eu imaginava ser o correto, busco dinamizar minhas aulas, associando o conhecimento empírico dos alunos com metodologias introspectadas no curso, percebo que as aulas estão mais atraentes, mesmo com as dificuldades de transporte escolar os alunos dificilmente faltam, quando faltam procuram saber o que foi trabalhado na aula anterior.

Isso está sendo muito mais gratificante, pois estou contribuindo cada vez mais com o processo ensino aprendizagem de meus alunos, e através de minha história de superação, busco incentivá-los a seguir o caminho da educação, pois é o único que fará com que eles mudem suas realidades e conquistem melhor os horizontes e assim transformarão suas próprias realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escolarização de todo ser humano, faz parte de seu crescimento e isso traça uma história que para muitos não tem sentido, mas, para o coadjuvante do processo, tem uma gama de memória arquivada que pode ser externada, através de narrativas. O presente memorial buscou fazer uma abordagem, sobre o contexto educacional, de modo mais amplo na educação ribeirinha, pela qual eu fui coadjuvante, e aqui busquei de maneira sucinta, relatar esse processo dentro de uma abordagem acadêmica, perpassando pelos tópicos elencados no sumário.

Rememorar minha trajetória educacional até a universidade é muito gratificante, pois para muitos a história de superação pode ser algo predestinado, mas eu não concordo e para superar as barreiras impostas pelo sistema excludente não foi nada fácil, isso está explícito no corpo do referido memorial, de forma clara e coerente. Diante de tudo que passei dentro do processo educativo, na fase inicial foi mais difícil, devido o deslocamento da casa à escola, pelo bullying que sofri além do processo Multisseriado pela qual a escola funcionava, após esse período até a conclusão do ensino médio, fora fácil de superar.

O ingresso no curso superior foi o princípio, da realização de um sonho, pois sabia que isso mudaria minha vida, mas como tudo nesta vida vem com sacrifício, no começo foi muito difícil deixar família, ter que deixar meu filho recém-nascido, foi um sacrifício que valeu apenas, o que mais preocupou inicialmente foi que eu não sabia onde ficar, pois não conhecia ninguém, nem o que ia encontrar, mas tudo isso é válido, quando é em prol de um futuro. Mas até ai tudo bem, conheci pessoas com os mesmo ideais, que lutam por uma educação de qualidade que só a teremos, quando vários fatores forem superados, entre eles a relação escola e família.

Diante dessa afirmativa, ressalto que as disciplinas cursadas, me deram base para compreender todo esse processo, que apesar de já atuar na área da educação, não tinha essa percepção, compreendo ainda que a escola precisa de fato abrir suas portas e quebrar todas as barreiras tradicionais que nela ainda existem, um exemplo claro é a elaboração do PPP, este deve ser feito com a participação de toda comunidade escolar, no entanto, apenas alguns professores elaboram e muitas vezes quando concluído ficam engavetados e que apenas são elaborados para atender as exigências da legislação, ainda tem mais, para minha surpresa, quanto obtive conhecimento acerca do PPP, percebi que apesar de ser ele o norte de qualquer instituição educativa, relato que na escola que trabalho o mesmo não existe e percebo que não há interesse de elaborá-lo.

Dessa forma, os conhecimentos adquiridos são fundamentais para o processo de desenvolvimento do ser humano, e agradeço ao PARFOR, por ter me proporcionado adquirir esses conhecimentos e desenvolver um processo ensino aprendizagem mais dinâmico, mais seguro e com mais qualidade, me possibilitou ainda realizar um sonho não somente meu, mas também de minha família, que me deu força para ir em frente. E tenho plena convicção, que a partir daqui desenvolverei minhas atividades com mais amor, alegria, e acima de tudo com uma variedade metodológica, que tornará, minhas aulas mais gostosa e claro com qualidade.

REFERÊNCIAS

- BEANE, Allan L. 1950. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução de Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: *Best Seller*, 2010.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil - DCNEI. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- _____. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Guia de cadastramento de grupos**: populacionais, tradicionais e específicos: cadastro único para programas sociais. -- Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Renda de Cidadania, 2012.
- CASTILHO, Sylvia Amélia Giralddi. **A Formação do perfil do Professor do Século XXI**. Lins – SP, 2009.
- CASTRO, E. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. Belém, 1998.
- CLEO, Fante. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas, São Paulo. Verus Editora, 2005.
- FELIPE, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionistas: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: GRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 5. ed. São Paulo, Cortez, 1997.
- MENDES, Leila Said Assef. Et al. A prática docente em uma escola ribeirinha na ilha do Marajó: um estudo preliminar em contexto naturalístico. Revista: **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 80-87, jan./abr. 2008. NAEA, 1998. 16.p. (Paper do NAEA, nº 092).
- OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de; ELIAS, Lina Gláucia Dantas; FERNANDES, Roseane do S. Reis. **Memória e Docência**: experiências formativas em Abaetetuba. Abaetetuba (PA): Literacidade, 2011.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.
- PARÁ. **Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa. Relatório de atividades de gestão**: Imaginário Paraense, organização, texto e pesquisa: COSTA, Suanny Lopes. Et al. – Belém, 2009.
- SANTOS, Jenijunio dos. **Populações ribeirinhas e educação do campo**: análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Ana Maria da. **Adoção de crianças negras**: inclusão ou exclusão? São Paulo: Veras Editora, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

VELASCO, Calcida Gonsalves. **Brincar**: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: Sprit, 1996.